

Conexões Algorítmicas: Colaborando com o inimigo?

COSTA, MARIA EDUARDA DE SOUZA¹; NUNES, JOÃO FERNANDO IGANSI²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – dudac9361@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas 2 – fernandoigansi@gmail.com 2

1. INTRODUÇÃO

"Os primitivos do futuro são aqueles que rompem com as normas e com as estruturas estabelecidas para elaborar o futuro, não mais como um suplemento, mas como uma possível metamorfose. Trata-se incontestavelmente de um duplo movimento: de um lado, libertar-se do passado, sem negá-lo; do outro, construir o futuro sem predeterminá-lo" (Berger apud Domingues, 1997, p. 39).

O desenvolvimento advento de tecnologias baseadas em Inteligência Artificial (IA) tem transformado o cenário artístico, oferecendo novas ferramentas e possibilidades à criatividade. A exemplo de Giselle Beiguelman (2005), muitos artistas, críticos, estudantes de arte e o público em geral têm levantado questões sobre o papel da Inteligência Artificial (IA), muitas vezes vendo-a como uma inimiga dos processos criativos. As preocupações giram em torno de questões éticas, como o plágio e a potencial erosão da originalidade artística, temendo que a IA possa já estar substituindo a expressão criativa humana. É justamente essa tensão que esta reflexão explora e apresenta, examinando como a IA pode coexistir com a criatividade humana, não como uma substituta, mas como uma ferramenta colaborativa que simula e que expande as possibilidades artísticas, no estrito senso de co-autoria. Artistas contemporâneos, como Sougwen Chung e Refik Anadol, destacam-se ao explorar as potencialidades da IA em suas obras, mostrando como a colaboração entre humanos e máquinas pode expandir as fronteiras da arte digital. Para tanto, o presente trabalho apresenta, enquanto experiência prática, a coleção de cartões postais intitulada "Conexões Algorítmicas by Sougwen Chung and Refik Anadol", que exemplifica essas possibilidades artísticas, destacando o papel da IA na experimentação artística.

A abordagem aqui adotada abrange ainda a dimensão econômica, ao evidenciar como o uso dessas tecnologias, antes restritas a indivíduos com alto poder aquisitivo, se tornou acessível a um público mais amplo, possibilitando a expressão artística de pessoas que antes não tinham acesso a tais oportunidades. Para contextualizar esta análise, são utilizados referenciais teóricos que discutem a relação entre arte, tecnologia e sociedade. A obra de Maria Teresa Nidelcoff "*Uma Escola para o Povo*" (1978), fundamenta a discussão sobre a desigualdade de oportunidades no desenvolvimento artístico, enquanto Diana Domingues em "*Arte e Vida no Século XXI*" (2003), aborda as implicações das tecnologias digitais na arte contemporânea. Além disso, Giselle Beiguelman traz em "*Link-se: Arte, Mídia, Política e Cibercultura*" (2005) reflexões sobre as interações entre arte e mídias digitais, oferecendo uma perspectiva crítica sobre o papel da IA no campo artístico.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo é de natureza exploratória, com análise qualitativa das obras de Sougwen Chung e Refik Anadol, focando em como esses

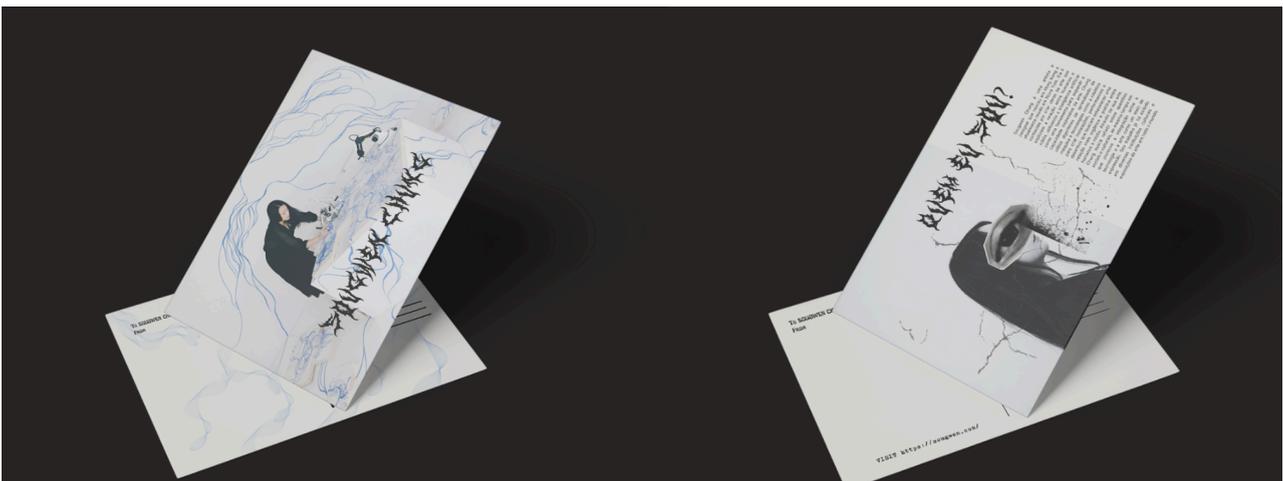
artistas utilizam Inteligência Artificial para expandir as possibilidades criativas na arte digital. A coleta de dados foi realizada através de revisão bibliográfica, análise de conteúdo das obras dos artistas e estudo das técnicas utilizadas por eles para integrar IA em suas criações. A revisão bibliográfica incluiu livros e artigos que discutem a interseção entre arte, tecnologia e sociedade, com especial atenção para os impactos da IA na democratização da arte. A análise das obras dos artistas buscou identificar as abordagens e metodologias que eles empregam ao utilizar IA como uma ferramenta colaborativa e foram selecionadas obras específicas dos artistas que dialogam com os temas de colaboração humano-máquina e expansão das capacidades criativas.

A coleção de cartões postais "Conexões Algorítmicas" foi desenvolvida dentro da cadeira de Metodologia Projetual do curso de Design Gráfico da Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação da docente Roberta Coelho Barros, que propôs o tema da IA como ponto de partida. A coleção não utiliza IA na sua criação, mas sim na curadoria e interpretação das obras dos artistas, servindo como um meio para discutir as potencialidades e desafios da arte mediada por tecnologias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados demonstram que a utilização de IA na criação artística não só amplia as possibilidades expressivas dos artistas, mas também permite a experimentação de diferentes processos artísticos. A coleção de cartões postais desenvolvida apresenta artistas que, por meio da colaboração com a IA, realizam composições visuais que seriam impossíveis sem essa interação. Isso reflete a complexidade e a riqueza das interações entre humanos e máquinas, criando juntos algo inovador e desafiador às normas estabelecidas da produção artística.

Figura 01 - Cartões postais da coleção Conexões Algorítmicas.



Fonte: Da autora. Disponível em:

<https://www.behance.net/gallery/178054509/Colecao-de-cartoes-postais-da-artista-Sougwen-Chung>

Refik Anadol, por exemplo, utiliza dados coletados de ambientes físicos e transformações temporais para criar instalações imersivas que dialogam diretamente com o espaço ao redor e com as percepções do espectador. Já Sougwen Chung colabora com robôs para co-criar pinturas em tempo real, unindo gestos humanos e precisão algorítmica em suas composições. Essas abordagens

não apenas ampliam o espectro criativo dos artistas, mas também abrem novas possibilidades para aqueles que, historicamente, foram excluídos do acesso à arte, seja por limitações técnicas ou financeiras. A IA, nesse contexto, se revela uma ferramenta poderosa para inclusão e experimentação. Pessoas com diferentes níveis de habilidade e recursos podem explorar suas capacidades criativas, superando barreiras impostas por métodos tradicionais de produção artística. Como discute Diana Domingues em *Arte e Vida no Século XXI*, as tecnologias digitais estão redefinindo o conceito de arte ao criar novas formas de interação e participação, permitindo que a experiência artística seja mais envolvente e acessível (Domingues, 2003, p. 47).

Essa redefinição proposta por Domingues decorre da capacidade das tecnologias digitais de oferecer um espaço de criação não linear e colaborativo, em que a obra de arte deixa de ser um produto final estático e se torna um processo contínuo de construção e reconstrução. A interatividade que a IA permite entre o artista, a tecnologia e o público altera profundamente a relação tradicional entre criador e espectador, transformando o espectador em um coautor, capaz de intervir e modificar a obra de acordo com suas próprias interpretações e ações. Ao romper com os limites tradicionais da arte, a tecnologia digital possibilita que artistas não apenas manipulem novas formas e técnicas, mas também que envolvam o público de maneira imersiva, quebrando as fronteiras entre o espectador passivo e a obra de arte como algo imutável. A capacidade da IA de gerar algoritmos adaptativos e autônomos expande ainda mais essa redefinição. Ao trabalhar com IA, artistas podem programar seus sistemas para responder a estímulos externos, como dados de movimento, clima, sons ou até mesmo a presença do espectador. O trabalho de Refik Anadol, por exemplo, explora esse potencial ao criar instalações imersivas que interagem com o ambiente físico e emocional do público, tornando-o uma parte integrante da obra.

O conceito de arte, então, se desdobra em camadas de experiências dinâmicas, refletindo as interações em tempo real entre humanos, tecnologia e o mundo ao redor. Giselle Beiguelman complementa essa visão ao discutir como a IA e outras tecnologias estão transformando o campo artístico, tornando-o mais acessível e interativo (Beiguelman, 2006, p. 102). Para Beiguelman, a arte contemporânea mediada pela IA não apenas amplia as possibilidades criativas, mas também democratiza o acesso ao processo criativo. Ferramentas digitais e algoritmos podem ser utilizados por indivíduos com recursos limitados para desenvolver novas formas de expressão, permitindo que pessoas de diferentes origens culturais e econômicas explorem o potencial da arte, independentemente de suas limitações técnicas ou materiais. Isso é especialmente importante em contextos onde a arte, historicamente, foi elitizada e restrita a quem tinha acesso às ferramentas adequadas. Por outro lado, a utilização de IA também levanta questões éticas que precisam ser enfrentadas. Questões como o risco de plágio e a apropriação indevida de obras geradas por IA suscitam preocupações entre críticos e profissionais. A regulamentação adequada e a definição de diretrizes claras para o uso ético da IA são essenciais para garantir que a colaboração entre humanos e máquinas seja justa e transparente. Ao mesmo tempo que a IA abre portas para a inovação, também nos impele a revisar e adaptar as normas vigentes no campo da arte, para que possamos continuar a avançar de maneira responsável e inclusiva.

Dessa forma, o uso de tecnologias digitais, especialmente IA, não é apenas uma expansão técnica, mas também uma transformação conceitual no modo

como entendemos e praticamos a arte. A IA está, portanto, não apenas transformando o que é possível no campo artístico, mas também nos convidando a reimaginar o papel da tecnologia na criatividade humana.

4. CONCLUSÕES

A coleção "Conexões Algorítmicas" não é apenas uma homenagem às inovações artísticas de Sougwen Chung e Refik Anadol, mas também um exemplo prático de como a IA pode ser utilizada para repensar processos de criação dentro do cenário artístico. O uso de tecnologias acessíveis permite que pessoas de diferentes origens econômicas e sociais possam desenvolver suas habilidades artísticas e se expressar criativamente, superando barreiras históricas e econômicas. A partir desta pesquisa, conclui-se que a IA não deve ser vista apenas como uma ferramenta elitista, mas como uma oportunidade para ampliar o acesso à arte e à criatividade. A inclusão de indivíduos tradicionalmente marginalizados no processo criativo é um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde todos têm a chance de explorar e desenvolver seu potencial artístico. A Inteligência Artificial é, sem dúvida, o futuro, e tentar impedir o avanço tecnológico seria inviável.

No entanto, podemos guiar a tecnologia de forma que ela sirva a nossos interesses e auxilie na criação de uma sociedade melhor. Não devemos temer a IA, mas sim utilizá-la e direcioná-la para que suas inovações contribuam positivamente para a humanidade. Cabe a nós, como designers, artistas e cidadãos, garantir que essa ferramenta seja usada de maneira ética e inclusiva, sempre com a esperança de que o futuro será um lugar mais inovador e justo. Por fim, a análise das obras de Sougwen Chung e Refik Anadol, juntamente com a discussão teórica, reafirma a importância de revisitar as políticas de ética da IA, garantindo que essas ferramentas sejam utilizadas de maneira justa e inclusiva, evitando o plágio e outras práticas questionáveis. As possibilidades artísticas oferecidas pela IA são vastas, e cabe a nós, como designers e artistas, explorar e expandir essas fronteiras, sempre com um olhar crítico e inclusivo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AI Artists. **Sougwen Chung**. Disponível em: <https://sougwen.com/>. Acesso em: 22 de Abril de 2024.

Beiguelman, G. (2005). **Link-se: Arte, mídia, política e cibercultura**. São Paulo: Editora Peirópolis.

Chung, Sougwen. Disponível em: <https://sougwen.com/>. Acesso em: 22 de Abril de 2024.

Domingues, D. (2003). **Arte e vida no século XXI: Tecnologia, ciência e criatividade**. São Paulo: Editora Unesp.

Nidelcoff, M. T. (1978). **Uma escola para o povo**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas.